

## GUIMARÃES ROSA: TRAJETÓRIA DE SUCESSO E DE VALORIZAÇÃO DA LINGUÍSTICA

*Ivani Alves Sathler Ruella (UENF)*

[ivaniruella@hotmail.com](mailto:ivaniruella@hotmail.com)

*Eduardo Sathler Ruella (UENF)*

### RESUMO

O presente artigo tem como base a literatura brasileira contemporânea difundida por João Guimarães Rosa, dada a riqueza dos aspectos linguísticos e humanos explorados em sua obra que evidencia especial cuidado em retratar a importância de personagens simples, em suas características mais humanas para, a partir desta premissa, explorar a riqueza de traços linguísticos bastante definidos. Para o desenvolvimento da temática foi necessário proceder à coleta e análise de dados e utilizar elementos da pesquisa do tipo exploratória com viés em princípios descritivos referentes às principais obras do autor que estão diretamente relacionadas às construções vocabulares “criadas” e descritas em seus diversos contos, por exemplo, nos que compõem as obras: “Primeiras Estórias” e “Sagarana” e, outras que também dão ênfase à temática da inclusão/exclusão social, à questão da loucura ou ao universo infanto-juvenil de seus personagens. Por fim, pretendemos defender que a linguagem retratada na obra de Guimarães Rosa o distingue dos demais regionalistas, pois suas criações linguísticas exploraram diversos valores do signo (sonoro, nocional, visual) e porque a partir desse autêntico laboratório linguístico, Guimarães Rosa conseguiu criar uma poderosa linguagem literária, apta para expressar e retratar a profunda visão do mundo que sua obra transmite.

#### Palavras-chave:

Arte. Escrita. Linguística. João Guimarães Rosa.

### 1. Introdução

O presente artigo tem como base a obra do autor da literatura brasileira contemporânea, João Guimarães Rosa, dada a riqueza dos aspectos linguísticos e humanos explorados em sua obra. O interesse por esta investigação surgiu das reflexões sobre a obra do escritor mineiro João Guimarães Rosa, especialmente, da análise crítica dos textos literários deste conceituado escritor. Para realizar o presente estudo, diversas leituras foram finalizadas no sentido de evidenciar a trajetória de sucesso de Guimarães Rosa, bem como da maneira como valorizou os processos linguísticos. Uma característica que comumente desperta e aguça a curiosidade do leitor em relação à apreciação pela obra de Guimarães Rosa é que em suas narrativas não há indicação de que personagens que se curvam às dificuldades que

lhes são impostas. Pelo contrário, eles tendem a perscrutar dentro de si mesmos, estratégias capazes de demovê-los de qualquer condição de inércia ou estagnação. Outro aspecto que pode ser mencionado na obras de Guimarães Rosa é que facilmente é possível observar a caracterização de personagens ativos, dotados de presença e discursos que ultrapassam o lugar social em que estão historicamente estabelecidos. Ou seja, é notório que Guimarães Rosa ressalta o caráter assumido pelas personagens e, seus traços psicológicos são também compreendidos de modo semelhante a um indivíduo que reage ou que supera os obstáculos no sentido de afirmar-se. (DIOGO, 2018; TELES, 2017; UTÉZA, 2012).

Nesse sentido, é possível citar que no exemplo de Riobaldo, o narrador/jagunço/ex-professor de Grande Sertão: Veredas (1956). Nesta obra, Riobaldo, a fim de tornar-se mais forte, assume a possibilidade de travar um pacto com o diabo, atribuindo a este o status de detentor de forças mágicas, capazes de transmutá-lo de simples jagunço a chefe guerreiro e vencedor. Esse “homem transitório” é o homem moderno e pós-moderno simultaneamente. A ele é legada a visão de um universo onde tudo está em seu devido lugar, compartimentado, mas a ele é também concedido o livre arbítrio, o poder de enxergar que nem tudo está num lugar prescrito, uma vez que não deveria estar e que, talvez, esta ausência de lugar fixo seja por si só a condição *sine qua non* da pós-modernidade, ou seja, o indivíduo está livre, mas preso ao seu livre arbítrio. (DIOGO, 2018; TELES, 2017; UTÉZA, 2012).

Atualmente, vivemos uma época que mescla radicalismos e alienação, a identidade encontra-se esgarçada, fragmentada, mas, paradoxalmente, os fragmentos formam a unidade. A literatura, de acordo com o estudioso, é um dos saberes que apresenta uma força extraordinária para que as pessoas possam conhecer a si mesmas. A esse respeito, importa destacar que a escrita literária de João Guimarães Rosa apresenta o diálogo entre culturas e, que contribui para uma leitura ativa. As vozes das narrativas de Guimarães Rosa encenam modos de reconhecer e construir o heterogêneo mundo do século XX. Ou seja, retratam o Brasil sertanejo e a América Latina em constante tensão entre o arcaico e o moderno. Assim, a escrita literária de Guimarães Rosa é caracterizada como interdisciplinar e multicultural. Na economia da obra de Guimarães Rosa é possível observar diversos saberes sedimentados, como o histórico, o sociológico e o filosófico, que perdem seu status de conteúdos diversos para integrarem-se numa totalidade. (DIOGO, 2018; TELES, 2017; UTÉZA, 2012).

A obra de Guimarães Rosa sinaliza uma literatura de resistência, não no sentido ofensivo do termo, mas no sentido de engajamento com o próprio ser humano e suas particularidades. E, principalmente, para uma literatura de consistência, que possibilita ao leitor o restabelecimento da linguagem enquanto elemento de instauração de mundos e, por extensão, de transformação social. O título adotado faz referência ao conto “A terceira margem do rio”, de Primeiras estórias (1962). Nesse conto, um homem abandona a família para morar numa canoa, sem maiores explicações. Seu filho é o único que fica a sua espera a vida inteira. Onde estaria seu pai? O título da narrativa sugere que a personagem paterna entrou numa terceira margem, a margem do processo, do devir e, é nesse ambiente que se situa os saberes da escrita literária de João Guimarães Rosa. (DIOGO, 2018; TELES, 2017; UTÉZA, 2012).

Nota-se que as obras ficcionais de Guimarães Rosa podem ser abordadas tanto em relação à forma quanto ao conteúdo, pois em todos os seus textos literários é possível discernir a mistura entre saberes, o que proporciona aos leitores o incremento de seu repertório cultural aliado à construção de um pensamento crítico e reflexivo. O sertão de Guimarães Rosa, por exemplo, apresenta conflitos e problemáticas da modernidade brasileira, bem como o choque entre arcaico e moderno. Ou seja, nesse caso, o fenômeno literário não é a realidade, mas se constitui enquanto uma reorganização artística desta. Por esta razão, importa ser estudada enquanto construção que problematiza a identidade humana e que pode ser trabalhada na instituição escolar.

Para o desenvolvimento do estudo, decidiu-se seguir como tópico principal a coleta e análise das principais obras referentes às construções vocabulares “criadas” pelo autor e descritas em seus diversos contos, por exemplo, nos que compõem as obras: “Primeiras Estórias” e “Sagarana” e outras que também dão ênfase à temática da inclusão/exclusão social, à questão da loucura ou ainda o universo infanto-juvenil de seus personagens.

## **2. Biografia**

João Guimarães Rosa é conhecido como um dos autores da terceira fase do Modernismo Brasileiro. Nascido no dia 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, interior de Minas Gerais, era filho de comerciante da região. Guimarães Rosa realizou seus estudos primários na própria cidade, mas em

1918 mudou-se para a casa de seus avós em Belo Horizonte para continuar os estudos. Formou-se médico na Universidade de Minas Gerais, em 1930 e, são dessa época os seus primeiros contos, que foram publicados na revista “O Cruzeiro”. Depois que se formou, Guimarães Rosa mudou-se para Itaguara, município de Itaúna no interior de Minas Gerais, onde permaneceu e exerceu sua profissão de médico por dois anos. Porém, em 1932 voltou para Belo Horizonte para servir como médico voluntário da Força Pública, durante a Revolução Constitucionalista. Em 1934, Guimarães Rosa mudou-se para o Rio de Janeiro, prestou concurso para o Itamarati, conseguiu aprovação em segundo lugar e ingressou na carreira diplomática. Em 1936 participou de um concurso ao Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, com a coletânea de contos “Magma” e, mesmo tendo conquistado o primeiro lugar, não publicou a obra. Em 1937 iniciou a produção de “Sagarana”, volume de contos que retrata a vida das fazendas mineiras. Entre os anos de 1938 e 1944, Guimarães Rosa foi nomeado cônsul-adjunto na cidade de Hamburgo, Alemanha. Contudo, especificamente no ano de 1942, Guimarães Rosa foi embaixador brasileiro. Em 1946, publicou “Sagarana” que se transformou em sucesso de crítica e público foi preso quando o Brasil rompeu a aliança com a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. No ano seguinte foi para Bogotá, como Secretário da. Inclusive, as duas edições esgotaram-se no mesmo ano e a obra foi vencedora do Prêmio da Sociedade Felipe d’Oliveira. De 1946 a 1951, Guimarães Rosa residiu em Paris. Em 1952, realizou uma excursão ao Estado de Mato Grosso e escreveu uma reportagem poética: “Como Vaqueiro Mariano”, que foi publicada no Correio da Manhã. Em 1956, após dez anos de sua estréia literária, o escritor publicou: “Corpo de Baile” e “Grandes Sertões: Veredas”. No ano de 1958, Guimarães Rosa foi promovido a embaixador, mas optou por não sair do Brasil e permaneceu no Rio de Janeiro. No ano de 1963 foi eleito para a Academia de letras, mas somente foi empossado em 1967. Após três dias após o ato de sua posse, Guimarães Rosa sofre um infarto e, no dia 19 de novembro de 1967, faleceu no Rio de Janeiro com 59 anos de idade. (HEIDEMANN, 2018; BIOGRAFIA, 2018; BENEDETTI, 2008).

### **3. *Estilo literário***

João Guimarães Rosa tem como fundamento primordial de suas obras a representação de personagens simples em suas características mais humanas para, a partir daí, explorar a riqueza linguística da região norte

mineira, por exemplo, bem como do Vale do Jequitinhonha, localidade em que as pessoas têm traços linguísticos bastante definidos.

A obra de Guimarães Rosa se define, sobretudo, pelo caráter inovador. Seu estilo, suas personagens e o psicologismo se diferem de tudo o que já havia sido feito anteriormente em língua portuguesa. Inclusive, diferenciava-se dos demais regionalistas, especialmente porque, embora sua ficção se prenda a uma região específica do Brasil, a saber, principalmente o sertão de Minas Gerais, ela consegue ultrapassar o meramente regional e atingir o universal, por meio da aguda percepção dos problemas vitais que existem no interior do homem de qualquer região. Dessa maneira, os elementos pitorescos e tipicamente regionais que aparecem em sua obra são importantes entre si mesmos, mas também servem para estruturar e revelar ao leitor todas as inquietudes e dilemas do homem. (DIOGO, 2018; PELINSER, 2017; TELES, 2017; UTÉZA, 2012; BOURDIEU, 2010; BENEDETTI, 2008; COUTINHO, 1991; GARBUGLIO, 1972).

Por esse motivo, verifica-se que a obra de Guimarães Rosa apresenta diversas temáticas que envolvem indagações sobre o destino, Deus e o diabo, o bem e o mal, a morte e o amor. Quanto ao quesito sobre a relação bem/mal, sua obra sugere que acreditou na supremacia do primeiro sobre o segundo. Em sua obra, essa atitude chega quase a configurar uma tese, aliás, coerente com o proverbial otimismo do autor, impresso, inclusive, no realismo fantástico que distribui por toda a sua produção.

Outra característica que diferencia a obra de Guimarães Rosa é a linguagem. As criações linguísticas operadas por Guimarães Rosa o transformaram em um profundo inovador da linguagem literária brasileira, principalmente por ter explorado diversos valores do signo (sonoro, nocional e visual) e criado palavras, utilizando-se de arcaísmos e, aproveitando o conhecimento que tinha sobre outras línguas modernas, além de ter recorrido às análises tanto no grego quanto no latim. Desse verdadeiro laboratório linguístico, Guimarães Rosa criou uma linguagem literária, suficientemente apta para expressar a profunda visão do mundo que sua obra transmite. Seu texto é tão perspicaz que é comum que o leitor às vezes tenha a sensação de que o que está lendo não é mais a fala de uma personagem, mas sim do seu pensamento articulado em palavras. Esse é um recurso utilizado na linguagem de Guimarães Rosa na tentativa de torná-lo compreensível para o leitor. Através dessa habilidade, Guimarães Rosa apresenta a surpreendente psicologia da personagem que “fala”. Isso não ocorre integralmente na tota-

lidade de sua obra. (DIOGO, 2018; PELINSER, 2017; TELES, 2017; UTÉZA, 2012; BOURDIEU, 2010; BENEDETTI, 2008; LAJOLO, 2005; RONCARI, 2002; COUTINHO, 1991; GARBUGLIO, 1972).

Guimarães Rosa conseguiu universalizar o regionalismo mineiro através de suas obras que supõe o equilíbrio entre o realismo épico e o realismo mágico, adaptando o natural, o místico, o fantástico e o infantil em novas perspectivas. O estilo de Guimarães Rosa também é considerado requintado e elaborado, pois experimentava linguagem própria articulada sob uma lógica inflexível. Seus personagens foram criados fisicamente com magnificência e também na sua personalidade marcante de homens rústicos. Uma de suas preocupações evidentes em seu estilo diz respeito ao aprofundamento da visão pessoal das coisas e seres. A arte de Guimarães Rosa é extremamente difícil. Guimarães Rosa evitava o improvisado e, com grande esforço, escolhia palavras comuns dando vida às Caatingas, às atitudes dos caboclos e aos diálogos cheios de provérbios sertanejos, aproximando-se inteiramente da língua do interiorano. O primeiro livro de Guimarães Rosa, *Sagarana*, o consagrou como escritor, pela inovação e revolução que provocou. *Sagarana* é um livro de contos, composto pelos seguintes contos: O burrinho pedrês; A volta do marido pródigo; Sarapalha; Duelo; Minha gente; São Marcos; Corpo fechado; Conversa de bois e, A hora e vez de Augusto Matraga. Esta obra foi considerada a melhor prosa regionalista em um período extremamente rico em publicação de obras centradas na vida rural brasileira. Os narradores de *Sagarana* têm o estilo marcante criado por Guimarães Rosa, cuja principal característica é a oralidade. No entanto, esse traço ainda não está tão ressaltado quanto nas obras posteriores, como por exemplo, em “Grande Sertão: Veredas” e “Primeiras Estórias”, entre outras. Considerando que a oralidade acentuada é um dos principais obstáculos para a leitura de Guimarães Rosa, o livro “Sagarana” pode ser uma opção para quem deseja iniciar a leitura na obra deste célebre autor. (DIOGO, 2018; PELINSER, 2017; TELES, 2017; UTÉZA, 2012; BOURDIEU, 2010; BENEDETTI, 2008; LAJOLO, 2005; RONCARI, 2002; COUTINHO, 1991; GARBUGLIO, 1972).

A literatura indica que, a maioria dos relatos em: *Primeiras Estórias* pretendem narrar "casos do sertão", mas, também apresentam uma síntese da totalidade da existência dos protagonistas. As estórias de Guimarães Rosa tentam vencer a rotina, ultrapassar o peso do cotidiano e da miséria através do riso, do olhar lúdico e da ressurreição do momento presente. Nessa obra também há predominância de epifanias afirmativas e positivas

associadas ao bem e ao amor. Muitas personagens de *Primeiras estórias* acham-se privadas de saúde, de recursos materiais, de posição social e até mesmo do pleno uso da razão. Pelos esquemas de uma lógica social moderna, estritamente capitalista, só lhes resta esperar a miséria, o desprezo, o abandono e a morte. O narrador, cujo olho perspicaz nada perde, não poupa detalhes sobre o seu estado de carência extrema. Os contos cujo narrador está em 1ª pessoa, são: “Famigerado”; “A Terceira Margem do Rio”; “Pirlimpisquice”; “O Espelho”; “O Cavalo que Bebia Cerveja”; “Luas-demel”; “A Benfazeja”; “Darandina” e, “Tarantão, meu patrão...”. Na obra também há os contos com narrador em 3ª pessoa: “As Margens da Alegria”; “Sorôco, sua mãe e sua filha”; “A Menina de Lá”; “Os Irmãos Dagobé”; “Nenhum, nenhuma”; “Fatalidade”; “Sequência”; “Nada e a Nossa Condição”; “Um Moço Muito Branco”; “Partida do Audaz Navegante”; “Substância” e, “Os Cimos”.

Notadamente em “*Famigerado*”, Guimarães Rosa apresenta uma narrativa que aproveita o estilo dos causos interioranos de que se tem conhecimento pelo Brasil afora. Estilo bastante afeito à obra de Guimarães Rosa em diversos de seus livros de contos. Este conto narrado em oscilações de terceira e primeira pessoa nos permite a identificação de que o personagem que narra, um médico do interior, dadas às pistas que deixa no trecho, nos indica que a história tenha sido de vivência real do autor, que exerceu a medicina em algumas cidades do interior de Minas Gerais. “*Perguntei: respondeu-me que não estava doente, nem vindo à receita ou consulta. Sua voz se espaçava, querendo-se calma; a fala de gente de mais longe, talvez são-franciscano*”. Outro elemento marcante do aspecto biográfico de Guimarães Rosa é o notório saber linguístico do autor; sendo que a narrativa tem como linha condutora justamente o recurso do protagonista, o senhor *Damázio Siqueira*, ao médico para saber o significado de uma palavra a ela dirigida por um funcionário do governo: famigerado. Há exemplos de palavras próprias do universo jagunço (brabo sertanejo, jagunço até na escuma do bofe), próprias do vocabulário popular regional (o medo me miava); linguagem formal corretíssima (convidei-o a desmontar; entrar). Presença marcante na obra de Guimarães Rosa são os neologismos elaborados a partir de uma apropriação bastante característica de formação de palavras como a justaposição e a aglutinação; recurso bastante comum às palavras de origem germânica, que vão se compondo pelo acoplamento de radicais. — “*Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: fasmisgerado... faz-megerado... falmisgeraldo... familhas*”.

gerado...?”. As figuras de linguagem se apresentam em profusão, desde as simples metáforas e comparações até a elaboração de elementos sonoros típicos da poesia como as aliterações e assonâncias. (DIOGO, 2018; PELIN-SER, 2017; TELES, 2017; UTÉZA, 2012; BOURDIEU, 2010; BENEDETTI, 2008; LAJOLO, 2005; RONCARI, 2002; COUTINHO, 1991; GARBUGLIO, 1972).

#### **4. Obras e enredo:**

A obra de Guimarães Rosa compreende as novelas, romances e contos que escreveu, segue abaixo um detalhamento de algumas de suas principais obras:

##### **“Sagarana”**

No conto, tanto quanto no romance, Guimarães Rosa confirma sua maestria narrativa, seja quanto à observação sobre o universo humano, seja na variedade e qualidade na criação de personagens, também no registro da cultura social registrada na narrativa, bem como no inusitado de muitos dos enredos, além do extraordinário trabalho com a linguagem, característica esta de Guimarães Rosa, excessivamente conhecida. Apesar de ser autor de diversos contos, cada um deles constitui-se em exemplo singular e muito positivo no campo da narrativa curta (conto). Também nesse gênero literário, o ambiente social que prevalece é o do norte de Minas Gerais, ou sertão mineiro.

O primeiro livro de contos e de toda a carreira de Guimarães Rosa foi *Sagarana*: “saga”, do escandinavo, significa lenda; “rana”, do tupi, significa parecido com. Logo, *Sagarana* é mais um neologismo do autor. Pode-se entender, portanto, que as histórias que compõem o livro parecem lendas, mas podem não ser. *Sagarana* contém nove narrativas curtas. Em *Sagarana*, Guimarães Rosa deu seu primeiro passo como ficcionista, mostrando que estava surgindo um escritor em língua portuguesa capaz de contar histórias que poderiam ser compreendidas como verdadeiras ou ao menos possíveis, frutos do fantástico e do impossível, ou seja, de narrativas que se situariam na fronteira entre o real e o imaginário. A prova disso é que em *Sagarana*, Guimarães Rosa descreve nove histórias situando-as em uma região real, informada com precisão, inclusive, com a citação de lugares específicos conhecidos na região do norte de Minas Gerais, enquanto que os “fatos” narrados comumente seguem o relato ou a descrição de algo



impossível, a partir da referência daquilo que o gênero humano tem como “possível de acontecer”. Neste sentido, o irreal soa mais natural porque está fundamentado em dados reais, daí, a interpenetração entre o real e o irreal se faz, porque esse “impossível”, paradoxalmente, tem data e vem com a indicação exata de onde “aconteceu”.

*“O burrinho pedrês”*

Enredo: Sete-de-Ouros é um burrinho decrepito que já fora bom e útil para seus vários donos. Esquecido na fazenda do Major Saulo, tem o azar de ser avistado numa travessia pelo dono da fazenda, que o escala para ajudar no transporte do gado. Na travessia do Córrego da Fome, todos os cavalos e vaqueiros morrem, exceto dois: Francolim e Badu; este montado e aquele agarrado ao rabo do Burrinho Sete-de-Ouros. Principais personagens: Sete-de-Ouros (burrinho pedrês), Major Saulo, Francolim e Badu.

*“A volta do marido pródigo”*

Enredo: Lalino é um típico malandro que não aprecia o trabalho, apenas a boa vida. Abandona o serviço na estrada de ferro e vai para o Rio de Janeiro, largando sua mulher, Maria Rita, a Ritinha, na região. No retorno, a encontra casada com o espanhol Ramiro. Torna-se cabo eleitoral do Major Anacleto, que, graças a ele, ganha a eleição. Laio, como também é conhecido, reconcilia-se com Maria Rita no fim do conto. Principais personagens: Lalino Salathiel, Maria Rita, Ramiro e Major Anacleto.

*“Sarapalha”*

Enredo: a história de dois primos, Ribeiro e Argemiro, contagiados pela malária que se espalhou no vau de Sarapalha. Os dois estão solitários na região, já que parte da população morrera e os demais fugiram, entre os quais a mulher de Ribeiro, Luísa. Argemiro, percebendo a iminência da morte e desejando ter a consciência tranqüila, confessa o interesse pela esposa do primo. Ribeiro reage à confissão de forma agressiva e expulsa Argemiro de suas terras, sem nenhuma complacência. Principais personagens: Primo Ribeiro e Primo Argemiro.

*“Duelo”*

Enredo: Turíbio flagra sua mulher, Silvana, com o ex-militar Cassiano Gomes. Ao procurar vingar sua honra, confunde-se e acaba matando o irmão de Cassiano Gomes. Turíbio foge para o sertão e é perseguido pelo ex-militar. Nessa disputa, os dois alternam os papéis de caça e de caçador.

Cassiano adoece e, antes de morrer, ajuda um capiau chamado Vinte-e-um, que passava por dificuldades financeiras. Turíblio volta para casa e é surpreendido por Vinte-e-um, que o executa para vingar seu benfeitor. Principais personagens: Turíblio Todo, Cassiano Gomes, Silvana e Vinte-e-um.

*“Minha gente”*

Enredo: Emílio visita a fazenda de seu tio, candidato às eleições, e apaixonou-se por sua prima Maria Irma, mas não é correspondido. Ela se interessa por Ramiro, noivo de outra moça. Emílio finge-se enamorado de outra mulher. O plano falha, mas a prima apresenta-lhe sua futura esposa, Armanda. Maria Irma casa-se com Ramiro Gouveia. Principais personagens: Emílio (narrador), Maria Irma, Ramiro Gouveia e Armanda.

*“São Marcos”*

Enredo: José, narrador-personagem, é supersticioso, mas mesmo assim zomba dos feiticeiros do Calango-Frito, em especial de João Mangolô. Izé, como é conhecido o protagonista, recita por zombaria a oração de São Marcos para Aurísio Manquitola e é duramente repreendido por banalizar uma prece tão poderosa. Certo dia, caminhando no mato, Izé fica subitamente cego e passa a se orientar por cheiros e ruídos. Perdido e desesperado, recita a oração de São Marcos. Guiando-se pela audição e pelo olfato, descobre o caminho certo: a cafua de João Mangolô. Lá, irado, tenta estrangular o feiticeiro e, ao retomar a visão, percebe que o negro havia colocado uma venda nos olhos de um retrato seu para vingar-se das constantes zombarias. Principais personagens: José, ou Izé (narrador), Aurísio Manquitola e João Mangolô.

*“Corpo fechado”*

Enredo: Manuel Fulô, falastrão que se faz de valente, é dono de uma mula cobiçada pelo feiticeiro Antonico das Pedras-Águas. Este, por sua vez, tem uma sela cobiçada por Manuel. Enquanto o protagonista se gaba de pretensas valentias, o verdadeiro valentão Targino aparece e anuncia que dormirá com sua noiva. Desesperado, Manuel recebe a visita do feiticeiro, que promete fechar-lhe o corpo em troca da mula. Após o trato, há o duelo entre os dois personagens; o feitiço parece funcionar e Manuel vence a porfia. Principais personagens: Manuel Fulô, feiticeiro Antonico das Pedras-Águas e Targino.

*“Conversa de bois”*

Enredo: conta a viagem de um carro de bois que leva uma carga de rapadura e um defunto. Vai à frente Tiãozinho, o guia, chorando a morte do pai, ali transportado, e Didico. Tiãozinho, que se tornara dependente de Soronho, angustiava-se com este por dois motivos: ele maltratava os bois e havia desfrutado os amores de sua mãe durante a doença do pai. Paralelamente, o boi Brillhante conta aos outros a história do boi Rodapião, que morrera por ter aprendido a pensar como os homens. Há uma indignação entre os animais em relação aos maus-tratos que os humanos lhes infligem. Agenor, para exibir a Tiãozinho seus talentos como carreiro, obriga, de forma cruel, os bois a superar a ladeira onde a carroça de João Bala havia tombado. Superado o obstáculo, os bois aproveitam-se do cochilo de Agenor e puxam bruscamente a carroça, matando seu algoz. Principais personagens: Tiãozinho, Didico, Agenor, Soronho e o boi Brillhante.

*“A hora e a vez de Augusto Matraga”*

Enredo: Augusto Estêves manda e desmanda no pequeno povoado em que vive. Pródigo, com a morte do pai perde todos os seus bens. Certo dia, Quim Recadeiro dá-lhe dois recados que alterarão sua vida: perdera os capangas para seu inimigo, o Major Consilva, e a mulher e a filha, que fugiram com Ovídio Moura. Augusto Estêves vai sozinho à propriedade do major para tomar satisfação com seus ex-capangas. O Major Consilva ordena que Nhô Augusto seja marcado a ferro e depois morto. Ele é espancado à exaustão; depois os homens esquentam o ferro usado para marcar o gado do major e queimam o seu glúteo. Augusto, desesperado, salta de um despeanhadeiro. Quase morto, o protagonista é encontrado por um casal de pretos, que cuida dele e chama o padre para seu alívio espiritual. Nhô Augusto decide que sua vida de facínora chegara ao fim. Recuperado, foge com os pretos para a única propriedade que lhe restara, no Tombador. Trabalha de sol a sol para os habitantes e para o casal que o salvara, em retribuição a tudo que fizeram por ele. Leva uma vida de privações e árduo trabalho, com a finalidade de purgar seus pecados e, assim, ir para o céu. Um dia, aparece na cidade o bando de Joãozinho Bem-Bem, o mais temido jagunço do sertão. Nhô Augusto e o famigerado jagunço tornam-se amigos à primeira vista e, depois da breve estada, despedem-se com pesar. Com o tempo, Nhô Augusto resolve sair do Tombador, pressentindo a chegada da “sua hora e vez”. Encontra-se por acaso com Joãozinho Bem-Bem, que está prestes a executar uma família, como forma de vingança. Nhô Augusto pede a Joãozinho Bem-Bem que não cumpra a execução. O jagunço encara essa atitude de Nhô Augusto como uma afronta e os dois travam o duelo final, no qual

ambos morrem.

*“Famigerado”*

Especificamente, no que diz respeito ao uso da linguagem, neste conto Guimarães Rosa mostra a marca central de sua genialidade no trabalho com os vocábulos. Temos vários casos de palavras que vão desde as expressões rebuscadíssimas de um conhecimento vocabular elevado, até expressões corriqueiras do uso comum do homem do interior. Assim temos o linguajar do diplomata, do médico ou do literato sendo contraposto ao linguajar do interior mineiro, do sertão, do homem bruto da jagunçagem. Oposição interessantíssima. *“Tudo enxergara, tomando ganho da topografia. Os três seriam seus prisioneiros, não seus sequazes. Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na escuma do bofe. Senti que não me ficava útil dar cara amena, mostras de temeroso. Eu não tinha arma ao alcance. Tivesse, também, não adiantava. Com um pingo no i, ele me dissolvia. O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo. O medo O. O medo me miava. Convidei-o a desmontar, a entrar”*.

Muitas outras pérolas literárias e linguísticas podem ser exploradas na obra do ilustre médico do sertão do Vale do Jequitinhonha, como se verifica no trecho a seguir:

*“Se simples. Se digo. Transfoi-se-me. Esses trizes:*

*— Famigerado?*

*— “Sim senhor...” — e, alto, repetiu, vezes, o termo, enfim nos vermelhões da raiva, sua voz fora de foco. E já me olhava, interpelador, intimativo — apertava-me. Tinha eu que descobrir a cara. — Famigerado? Habitei preâmbulos. Bem que eu me carecia noutro ínterim, em indúcias. Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intugidos até então, mumumudos. Mas, Damázio:*

*— “Vosmecê declare. Estes aí são de nada não. São da Serra. Só vi-eram comigo, pra testemunho...”*

*Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o carço: o verívrbio.*

*— Famigerado é inóxico, é “célebre”, “notório”, “notável”...*

— “Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?”

— Vilita nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

— “Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?”

— Famigerado? Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito...

— “Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?”

Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu sincero disse:

— Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado — bem famigerado, o mais que pudesse!...

— “Ah, bem!...” — soltou, exultante”.

Outro aspecto que nos chama a atenção ao estudarmos a obra reside no fato de que o personagem Damázio Siqueira, homem poderoso, uma espécie de coronel da região; a própria personificação do poder se apresenta no conto bastante fragilizado pelo desconhecimento a respeito de uma palavra um pouco mais formal. Mal sabe Damázio que sua linguagem também está repleta de armas linguísticas bastante peculiares, pois o vocabulário interiorano, o vocabulário jagunço, o vocabulário do universo do poder também tem na obra de Guimarães seu espaço e reconhecimento. Mas este mesmo Damázio se coloca em posição de inferioridade em relação ao Doutor que também desfila suas armas de erudição e competência linguística, de homem que sabe também outros caminhos nesta guerrilha, tanto que há um pedido do sertanejo por uma trégua em seu combate, um pedido de clemência: “— “Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?”. Ao final da história fica-nos a impressão que os momentos de tensão agora se reduzem. Damázio não é mais uma ameaça à segurança do Doutor. O próprio doutor, que outrora pensara em lançar mão à arma de fogo, agora oferece ao novo amigo-rival alguns de seus melhores

armamentos, o conhecimento:

“Saltando na sela, ele se levantou de molas. Subiu em si, desagrovava-se, num desafogaréu. Sorriu-se, outro. Satisfez aqueles três: — “Vocês podem ir, compadres. Vocês escutaram bem a boa descrição...” — e eles prestes se partiram. Só aí se chegou, beirando-me a janela, aceitava um copo d’água. Disse: — “Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!”

Ao final do enredo, todos sobreviveram, mas o vencedor do combate quem foi? Foi o próprio leitor que se apoderou do arsenal de dois personagens notáveis, notórios. Dois dos personagens mais famigerados da literatura Roseana. “Esporou, foi-se, o alazão, não pensava no que o trouxera, tese para alto rir, e mais, o famoso assunto”.

A partir das análises apresentadas, ressalta-se que a obra de Guimarães Rosa tem sido metódica e sistematicamente estudada e dissecada, portanto, não há como negar sua relevância para a literatura brasileira. (VÁRIOS AUTORES, 2006).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENEDETTI, Nildo Maximo. Sagarana: *o Brasil de Guimarães Rosa*. (Tese Doutorado em Literatura Brasileira). São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-04072008-111149/pt-br.php>. Acesso em: 04 nov. 2018.

BIOGRAFIA. João Guimarães Rosa. Série Pesquisando: Descubra Minas. SESC Minas Gerais. Disponível em: <http://www.descubraminas.com.br/Upload/Biblioteca/0000237.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

BIOGRAFIA. João Guimarães Rosa. Disponível em: <https://www.info-escola.com/literatura/guimaraes-rosa/>. Acesso em: 30 out. 2018.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad.: Maria Lucia Machado. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

COUTINHO, Eduardo F. (Org.). Guimarães Rosa e o processo de revitalização da linguagem. In: Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: *Civilização Brasileira/INL*, 1991. (Coleção Fortuna Crítica 6)

CANDIDO, Antonio. Sagarana. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). *Guimarães Rosa* (Coleção Fortuna Crítica). 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991b. p. 243-7

DIOGO, Sarah Maria Forte. A escrita literária de João Guimarães Rosa: *saberes que navegam na terceira margem do sentido*. Disponível em: <http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/628-22082010-153204.pdf>. Acesso em: 31 out.2018.

GARBUGLIO, José Carlos. O mundo movente de Guimarães Rosa. S. Paulo: Ática, 1972.

HEIDEMANN, Dieter; BEZERRA, Marily da Cunha. Dossiê Guimarães Rosa. Estudos Avançados 20 (58), 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n58/01.pdf>. Acesso em: 31 out.2018.

MOREIRA, Paulo. *Modernismo localista das Américas: os contos de Faulkner, Guimarães Rosa e Rulfo*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 297-328

PELINSER, André Tessaro. Guimarães Rosa e o Regionalismo literário brasileiro: *revisão crítica sobre um problema perene*. Signo [ISSN 1982-2014]. Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 74, p. 02-19, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. Doi: 10.17058/signo.v42i74.8605.

RONCARI, Luiz Dagobert de Aguirra. Dez teses para o estudo de Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Revista Literatura Scripta. vol. 5. n. 10. 1º Semestre, 2002. PUC Minas. Edição Especial: 2º Seminário Internacional Guimarães Rosa. p. 243-248. ISSN: 2358-3428 (OJS). Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12402/9698>.

GUIMARÃES ROSA, João. *Ficção Completa*. V. 1 e 2. Edição Comemorativa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

GUIMARÃES ROSA, João. Sagarana (1946 - 1971). 14.ed. Jubileu de prata de Sagarana. Ilustrações de Poty. Prefácio de Oscar Lopes. Rio de Janeiro: Jose Olympio. 369 pp.

GUIMARÃES ROSA, João. *Primeiras Estórias* (1962). Rio de Janeiro: Jose Olympio. 224 pp

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas* (1956). Rio de Janeiro: Jose Olympio. 224 pp

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LÚCIO, Pilar Batista. *Metodologia de Pesquisa*. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

TELES, Patrícia Álvaro. As relações entre cognição e linguagem no ensino da língua portuguesa. In: *Linguística em perspectiva: cognição e ensino de língua e literatura*. Campos dos Goytacazes-RJ: Brasil Multicultural, 2017. p. 96-111

UTÉZA, Francis. Du Guaicuí au Verde-Alecrim: La langue des oiseaux. In: OLIVIERI-GODET, Rita; WREGÉ-RASSIER, Luciana (Orgs). *João Guimarães Rosa: mémoire et imaginaire du sertão-monde*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012. p. 49-76

VÁRIOS AUTORES. *Cadernos de Literatura Brasileira: João Guimarães Rosa*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2006.